

# **MEMÓRIAS DA RUA: Registros etnográficos de feitiço e cura em um relato de experiência<sup>1</sup>**

Camilla Gomes Nascimento – UFG/Goiás  
nascicamilla@gmail.com

**Palavras-chave:** Antropologia visual, Mulheres em situação de rua, Antropologia urbana.

## **Resumo**

O presente trabalho apresenta a elaboração dos registros etnográficos audiovisuais e fotográficos entre antropóloga e interlocutora que desde 2018 se encontram pelas esquinas da cidade de Anápolis-GO. Entre distanciamentos e aproximações temporais e geográficas acontece um processo de cura de si mesma ante as violências das ruas, o estigma do vício, e o preconceito dirigido à mulher trans. Interlocutora e antropóloga são companheiras nesse trajeto em uma relação que transcende a pesquisa e se transforma em rede de apoio uma para a outra, mulheres e moradoras da cidade que de modos diferentes enfrentam diversidades e fazem seus próprios caminhos de cura e força, assim a etnografia se revela também um elo comunitário e de autoconhecimento. Sendo assim, aqui são descritos momentos da produção de um curta memorial da autoria da interlocutora com a parceria de produção desta antropóloga como parte do trabalho de pesquisa de campo de sua tese de doutoramento, tendo em vista mais que um registro formal, mas também um momento reflexivo e memorial dos trajetos de uma mulher outrora em situação de rua e consumidora do crack.

## **1. Introdução e Contextualização Metodológica**

Ela, minha interlocutora na etnografia realizada nas ruas de Anápolis e amiga, aqui chamada de “Rochele”, que é um dos nomes que dá a si mesma em sua própria invenção de si em seu corpo de mulher que resiste brava e furiosa nos dias em que as ruas lhe exigiram ser mais forte, menos dócil e mais embrutecida. A mulher comum, passante nas ruas, pode tomar tal gesto como loucura ou estupidez, na ignorância de não saber o que é viver como mulher em situação de rua. De modo geral, a população em contexto de rua sempre tem o que ensinar, sobre outros modos de viver, sobre as políticas públicas, sobre redes de conexão, sobre violências, sobre cuidar, sobre conviver, sobre racismo, sobre preconceitos, sobre funcionamento social, sobre relações de poder, sobre estigmas, sobre afetos, sobre capitalismo, sobre prazer, sobre religiosidades, sobre perigo, sobre ser mulher, sobre trabalho, sobre caridade, sobre universos particulares, sobre resistências.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

A conheci em 2017, quando começava a faculdade de Ciências Sociais, que desistiu de fazer no ano seguinte, por dificuldades várias, desde a financeira até o preconceito que sofreu no campus, quando foi acusada de vender drogas. Rochele consumia sua maconha, sem dela fazer comércio, mas foi um alvo fácil para o preconceito da segurança local. Naquele momento de sua vida não estava em situação de rua, agora em 2026 também não, mas esteve em alguns momentos, de 2017 até 2023. Talvez seja importante dizer que nem toda pessoa em situação de rua nasce lá ou está sempre lá. Nos períodos citados, ora estava na rua, ora esteve com algum parceiro, ou sob os cuidados de uma cafetina, ou voltou para a casa da mãe, mas, em 2026 está com carteira assinada, vivendo por conta própria, fazendo cursinho de vestibular e em estado de cura numa bruxaria reflexiva consigo mesma.

Acompanhar a trajetória de mulheres em situação de rua exige de nós um olhar desapressado e uma aproximação. Investigar suas lutas contra o abandono e as violações de seus direitos é, antes de tudo, celebrar os saberes que ela gestou no dia a dia. O cuidado consigo mesma, e com outras mulheres com quem conviveu nesse percurso, é o que sustenta a busca por um outro amanhã, por outros caminhos, pela emancipação coletiva. Entre passos nômades e alianças que protegem, elas constroem seus próprios mundos, tecendo redes de vida onde a realidade insiste em ser recriada com protagonismo.

Nesse registro textual do processo de gravação de vídeos estabelecido em vários encontros com Rochele, em 2026, vamos revisitando memórias afetivas que possui num processo de curadoria de si mesma, em que eu sou olhos e ouvidos, e a carona, se preciso for. Remontando trabalhos etnográficos em contextos semelhantes (Augusto, 2023; Lima, 2000; Malheiro, 2020) como de Vieira (2017) em que apresenta uma etnografia visual de mulheres em situação de rua com relatos sobre o rompimento de laços familiares, uso de substâncias e dificuldades no mercado de trabalho, transformando o olhar sobre o estigma e a invisibilidade social dessas populações. Percebo quantas interlocuções existem nessas etnografias com as reflexões trazidas por Rochele durante nossas gravações, muitas delas, sem dizer palavra alguma, por exemplo, quando pediu para gravar uma cena em que ela parece quase um ser não-humano, um bicho, e não será assim que a gente se sente quando não consegue um lugar no mercado de trabalho? É o mundo do trabalho que nos inscreve em uma participação social na vida adulta, ao estabelecer relações sociais, geralmente, logo depois do seu nome o que se pergunta é em quê se trabalha. Rochele que é uma mulher trans não-hormonizada, enfrenta sérias dificuldades em encontrar trabalhos

formais em uma cidade interiorana, como é o caso da cidade de Anápolis, e opta por não informar seu trabalho como prostituta, haja vista a alta carga de marginalidade e estigma que acarretam.

Também recorro a Alvarez (2016) em seu conceito de câmera compartilhada e as limitações desse recurso, que aqui se tratam de entender o que Rochele quer dizer. De algum modo, se “el antropólogo, en última instancia, es también un traductor entre mundos culturalmente distantes.” (ibid, p. 85), estamos sempre tentando acessar os sentidos alheios, buscando entender os significados próprios a um contexto por mais similar que nos pareça. Quais são as entrelinhas do dito e do não-dito por nós, levando em consideração que eu gravo, mas são duas vozes a dizer, trazendo um resultado completamente diferente caso fosse apenas uma pessoa com a câmera na mão, muito menos eu afirmando que ela disse uma certa outra coisa. Alvarez, trata sobre o uso da câmera como parte da metodologia,

incorporar el vídeo en la metodología de investigación dejó de ser una alternativa onerosa para ser una metodología de investigación con costos razonablemente económicos. La cámara permite compartir el material trabajado; provoca performances, comportamientos considerados como ejemplares, que pueden ser preservados por el registro audiovisual. La cámara participante permite una relación de mayor paridad con el grupo con el que estamos envueltos em el trabajo, puede provocar importantes momentos reflexivos. (ibidem, p. 104)

A câmera nos proporcionou momentos reflexivos, neste caso, o despertar de reflexões sobre suas memórias quando esteve em situação de rua, os significados das novas conquistas, os símbolos de resistência que tomou para si, os nomes que se deu como quem vestia uma persona adequada para cada momento, como um feitiço evocado sobre si, uma proteção de uma personalidade particular.

Relatar esse exercício de câmera participante, acompanhar novas fases e memórias da vida de Rochele possibilitaram revisitar alguns momentos e sentir junto com ela momentos que lhe foram mais significativos. Os encontros eram marcados por whatsapp ou por Instagram, nos momentos de folga do seu trabalho, portanto, em horário comercial,

porque ela trabalha no chamado terceiro turno em uma indústria do DAIA<sup>2</sup> em Anápolis-GO. Os roteiros foram pensados por ela, mantendo sua narrativa das cenas que viveu quando estava vivendo nas ruas. Enquanto filmávamos surgiam novas reflexões dela, novas compreensões entre o fato e o sentido para mim. Estabelecemos um local para arquivar as imagens, um drive compartilhado entre nós, assim ela poderia fazer o que bem quisesse com as imagens também.

As cenas retratavam não apenas os locais em que estive, mas muito mais uma abstração existencial sobre aqueles momentos, que eu denominei de feitiço e cura, porque não ocorriam como um documentário dos fatos, mas, sim, como um exercício de libertação daquelas memórias, das dores que ali viveu, da força que precisou empenhar para ser forte e sobreviver no que ela chamou de “buraco”, um lugar real onde curti com psicoativos, onde também ocorria prostituição para manter o consumo das substâncias desejadas, e que figurou em suas memórias como um buraco da rua, uma outra dimensão desconhecida dos passantes na avenida. Esse buraco é um acesso de drenagem pluvial no entrecruzamento de duas importantes avenidas da cidade, a Avenida Brasil e a Avenida Goiás, nas margens do Córrego das Antas. Para ela um entrecruzamento de sua identidade que se dividia em várias, geralmente a mais forte, para sua proteção.



Mulher entre cruzamentos, Arquivo pessoal (trecho de vídeos), 2026.

---

<sup>2</sup> Se trata do Distrito Agroindustrial de Anápolis, inaugurado na década de 1970, local de cerca de 200 empresas, um dos mais importantes polos industriais do Brasil.

Uma mulher invisível, em uma cidade invisível, subterrânea e labiríntica que habita a superfície de uma cidade territorializada e situada em seu histórico de pólo farmoquímico construído sob as bases da religiosidade evangélica e nos rastros dos tropeiros que desempenharam um papel fundamental na formação histórica, econômica e cultural do cerrado goiano. Um território de colonização patriarcal e branco, em que outros corpos desafiam e desterritorializam, é esse o poder que Rochelle invoca sobre si, quando afirmava no escuro subterrâneo: “é a puta quem vai me tirar daqui”. Ela repetiu essas palavras, uma, duas, três vezes, as mesmas que disse para si mesma numa noite escura lá embaixo no buraco.



Mulher entre cruzamentos e o olhar do outro, Arquivo pessoal (trecho de vídeos), 2026.

Enquanto a cidade segue sua vida, os passantes olhavam tentando entender, eu sentia como romper as fronteiras da enorme herança patriarcal, religiosa e heteronormativa deslizando o próprio corpo desejante e se colocar como sujeito ativo nessa e dessa cidade. Evocar seus desejos, e sua identidade é também comportar a potência de saberes, de exercer força e exigir liberdade para si, e esse é o feitiço e a cura invocados por uma mulher que transita entre o cárcere e a liberdade.

## **2. O Campo e a Interlocutora: Trajetórias de Resistência**

Foi Rochelle quem me chamou para gravar, em seu romper criativo buscando formas de se expressar, e foi algo que já havia tentando mas com algumas dificuldades

encontradas pela necessária relação de confiança necessária para exposição da própria imagem. Enquanto gravo pensando nos olhares que nos indagam pelas ruas, penso no direito à cidade, tão “natural” para os corpos perfeitamente encaixados na normatividade padrão, tão violentamente questionado com olhares, gestos e rejeições ao fora da norma religiosa cristã, binária e por isso excluído e estigmatizado. O Grafitti, enquanto arte ilegal que grita reconhecimento e emancipação no trabalho de Menezes (2021), mostra como esse olhar artístico transforma invisibilidade em protagonismo, evidenciando junto ao olhar etnográfico as camadas de estigma vividas por uma mulher que a despeito de ser invisível, vive, circula, goza a cidade, se reafirma, se diverte, namora, dança, rebola, se impõe e resiste, vira Natasha.



“Se eu quiser fumar, eu fumo, Se eu quiser beber, eu bebo, Eu pago tudo o que eu consumo” (Zeca Pagodinho), Arquivo pessoal (trecho de vídeos), 2026.

Natasha a mulher que de dia, vai ao mercado, bate ponto no serviço, paga seu aluguel, participa de comunidades de leitura, tem amigas, marca rolê e visita a mãe aos finais de semana porque não existem vínculos familiares rompidos. O que existe é querer viver, querer sorrir. A vida não é fácil para mulheres trans nessa cidade, ser mulher trabalhadora tendo apenas o ensino médio como formação escolar implica limitações no mercado de trabalho, acrescente-se à dificuldade de ser trans em uma cidade que lidera o ranking nacional de quantidade de templos religiosos por habitantes (mais de 1.300 locais

de culto para cada 100 mil moradores)<sup>3</sup>. Estima-se que os católicos são 50,3% e os evangélicos são 38,7% da população, então, a cidade é um grande polo cristão com quase 90% da população se declarando católica ou evangélica.

Ainda assim, Natasha prossegue resistindo e criando uma realidade de resistência cotidiana, e sinto muita alegria nisso, ainda que aconteçam situações como no dia em que combinamos de nos encontrar em uma praça. Enquanto eu a esperava recebi sua ligação, Natasha me pediu para ir até a Rodoviária ajudá-la porque uma senhora da limpeza disse que ela não poderia entrar no banheiro feminino. Disse apenas “estou indo” porque não estava longe, e fiquei imaginando a situação para a qual me vesti de autoridade, portando meu crachá da UFG, e corri pronta para questionar a legalidade da proibição com as leis que inviabilizaram tal ato, mas ao chegar lá vi que a “santa inquisidora” já havia fugido do local, e Natasha já havia entrado para vestir as roupas que trouxe para nossa gravação. A cena é de violência, uma interdição no acesso público de uma mulher trans, mais uma violência em seu dia a dia, mas, depois eu ri por dentro me imaginando chegando com meus 1,58cm de altura como antropóloga em doutoramento, para defender Natasha, a poderosa, com seus 1,85cm de altura. Ela claramente apenas escolheu não se defender com a força bruta que possui (talvez eu não fizesse o mesmo, e nisso o aprendizado é meu).

### **3. Resultados e Discussões do Relato**

Acompanhar Natasha, inclui aprender com seus saberes, e perceber a enormidade de sua rede de afetos e parcerias, sempre estabelecendo relações amigáveis, e como essa é a melhor estratégia de atenção psicossocial e redução de danos tecidas nas calçadas, materializando um cuidado mais próximo e cotidiano que os aparelhos de saúde do Estado poderiam intentar como apontado por Augusto (2023) nesse aprendizado de saberes com as narrativas de mulheres em situação de rua, assim, é preciso pensar o cuidado a partir de uma rede de apoio e a partir dos saberes e conhecimentos das próprias mulheres.

Como aponta Silva (2025) e Augusto (2023), a trajetória de mulheres trans em situação de rua é marcada por rompimento dos vínculos familiares, também pela discriminação no trabalho, além da violência transfóbica e, conseqüentemente, pela precarização de meios de vida, no entanto, Natasha é uma exceção em se tratando de

---

<sup>3</sup> Com informações do Censo do IBGE de 2022, amplamente divulgado pelas mídias locais com ares de comemoração. Disponível em Acesso em 01/05/2026.

romper os laços familiares, suas saídas da casa da mãe são uma escolha e não ocorre em um contexto de violência em família. Mas, não se pode desconsiderar que sua família é de classe baixa, mora em um setor nos limites geográficos da cidade, com ruas não pavimentadas e com sérias dificuldades para o acesso à cidade, e esse é um dos motivos que leva Natasha a buscar viver por conta própria em setor mais próximo ao centro urbano, tanto facilitando sua locomoção como evitando o custo e os riscos de violências para ir e vir à casa da mãe todos os dias.

#### **4. Conclusão**

Nosso vídeo está em processo de edição, ambas cumprindo jornadas de trabalho e tendo apenas os momentos de tempo livre para esse empenho artístico de feitiço e cura. A partir das reflexões tecidas sobre a esse processo de cura no que foi doloroso ao viver em contexto de rua e nesse feitiço que inclui o direito à narrativa, a trajetória de Natasha, encerra este artigo como um testemunho vivo de resistência e reencantamento. Assim como as mulheres trans e travestis que enfrentam o rompimento de vínculos e a violência transfóbica nos grandes centros, Natasha encontra na rua não apenas um lugar de "morte social", mas um território onde tece suas próprias redes de sociabilidade e cuidado. Sua vivência em Anápolis demonstra que o cuidado nas calçadas transcende os protocolos institucionais, manifestando-se em saberes de "bruxaria" micropolítica que desafiam a lógica patriarcal e capitalista.

Ao ocupar o espaço urbano e narrar sua história, Natasha exerce o seu direito à cidade, transformando a invisibilidade estatística em um grito de presença. Sua memória, registrada como um ato de desobediência civil, atua como o "feitiço" necessário para desatar os nós do estigma e da marginalização. Conclui-se que o reencantamento das políticas de saúde e assistência social passa obrigatoriamente pelo protagonismo de sujeitos como Natasha, garantindo que suas narrativas deixem de ser apenas registros de dor e passem a ser reconhecidas como legados de vida e autonomia. O percurso de Natasha reafirma que, mesmo sob o peso das opressões, a "cura" é um processo coletivo de fabricação de novos mundos possíveis

#### **Referências**

ALVAREZ, Gabriel O. Antropología visual compartida: prácticas y limites. *In*: VAILATI, Alex; GODIO, Matias; RIAL, Carmen (org.). **Antropologia audiovisual na prática**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2016. p. 85-104.

AUGUSTO, Fernanda Carla de Moraes. **Cartografias da resistência: mulheres em situação de rua, políticas de cuidado, pandemia**. 2023. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Instituto Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Santos, 2023.

LIMA DA SILVA, Selma. **Mulheres da luz: uma etnografia dos usos e preservação no uso de crack**. 2000. 104 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MALHEIRO, Luana. **Tornar-se mulher usuária de crack: cultura e política sobre drogas**. Rio de Janeiro: Telha, 2020.

MENEZES, Cristiane Penning Pauli de. **Uma etnografia dos corpos aliados na busca do reconhecimento e do direito à cidade: a performance narrativa das mulheres no graffiti ilegal no Brasil e em Portugal**. 2021. Tese (Doutorado em Processos e Manifestações Culturais) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2021.

SILVA, Silvana Caulla Mendes da. “Entre a invisibilidade e a resistência”: a realidade das mulheres transexuais e travestis em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro durante a pandemia da Covid-19 (à luz dos censos municipais de 2020 e 2022). *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 18., 2025, Salvador. **Anais eletrônicos...** Brasília, DF: CFESS, 2025. p. 1-11. Disponível em: [https://cfess.org.br/cbas2025-assets/pdf/625-1276047\\_14\\_08\\_2025\\_02-21-57\\_9874\\_v4.pdf](https://cfess.org.br/cbas2025-assets/pdf/625-1276047_14_08_2025_02-21-57_9874_v4.pdf). Acesso em: 30 jun. 2026.

VIEIRA, Priscila Batista Dias. Mulheres em situação de rua e invisibilidade social. *In*: RIAL, Carmen; VAILATI, Alex; MOROS, Marina (org.). **Imagens no Fazendo Gênero**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2017. p. 84. Disponível em: [https://navi.paginas.ufsc.br/files/2018/02/catalogo\\_mostras\\_fg11.pdf](https://navi.paginas.ufsc.br/files/2018/02/catalogo_mostras_fg11.pdf). Acesso em: 1 jun. 2026.